

Grupos perderam na guerra cambial

A especulação com o dólar em 2002 prejudicou o desempenho das empresas e multiplicou os prejuízos

Queda de rendimento

Resultados nominais dos 300 maiores grupos
(em R\$ 1.000)

	2001	2002	Variação (%)
Patrimônio líquido	423.542.235	445.887.676	5,28
Receita líquida	538.467.797	783.870.337	45,57
Lucro líquido	41.221.848	32.844.986	-20,32

Fonte: Centro de Informações da Gazeta Mercantil/Balanco Anual 2003

Jaime Matos
de São Paulo

Os efeitos da volta da inflação é da guerra cambial de 2002 nos negócios dos 300 maiores conglomerados brasileiros foram profundos. A coluna lucro/prejuízo mostra com clareza as dificuldades enfrentadas: quase um terço (93) daquelas companhias fechou os balanços no vermelho, somando perdas de 29,19%, em termos reais. Tal resultado fica muito acima do de 2001 (-4,70), quando as empresas brasileiras foram atingidas internamente pela crise de energia e, externamente, com a onda de choque da derrocada da economia argentina e dos atentados contra os EUA. Em 2002 não houve pressão externa, mas escaramuças no front cambial: o dólar abriu o ano valendo R\$ 2,316, bateu nos R\$ 4,00 em outubro — em boa parte por especulações ligadas à eleição presidencial — e fechou dezembro a R\$ 3,545, acumulando no ano a maior alta frente ao real, de 54,13%.

Esse quadro aparece, em detalhes, nas análises da revista *Balanco Anual 2003*. Além dos 300 maiores grupos brasileiros a publicação classifica, por setores, os resultados de 11.086 empresas — 8.655 não financeiras, 2.244 financeiras e 187 da área de seguros (veja abaixo *Agronegócio destaca-se em ano de dificuldades*).

No capítulo dos 300 maiores grupos vê-se que, apesar da frustração nos lucros, as receitas líquidas cresceram surpreendentes 29,36% reais, de R\$ 538,5 bilhões (2001) para R\$ 783,9 bilhões. Percebe-se aí que parte das perdas do ano deveu-se ao esforço de manter mercados mesmo sacrificando os lucros, tendência notada desde 1999. Planos de expansão

estão suspensos: a variação do patrimônio líquido (R\$ 445,9 bilhões no total) foi de -6,45% em relação a 2001, quando recuara -1,54%.

A concentração dos grupos nos grandes centros de decisão — São Paulo, Rio e Distrito Federal — continua (Veja ao lado a tabela *Distribuição regional*), enquanto a participação por origem de capital sofreu ligeiras alterações. Os grupos nacionais, que eram 207 (2001) foram para 210 e detêm 47% do patrimônio líquido total, 48% da receita e 61% dos lucros. Os estrangeiros, que caíram de 80 para 77, acumulam 23% do patrimônio, 28% da receita e 10% em lucro líquido. As companhias estatais (13) responsabilizam-se por 30% do patrimônio total, 24% da receita e 29% dos lucros.

Entre as empresas não financeiras, a Petrobras perde em patrimônio para a Eletrobrás, mas mantém a liderança tanto na receita líquida de R\$ 68,2 bilhões, superior em 20,28% à de 2001 quanto nos lucros, R\$ 8,1 bilhões, os maiores do País, embora inferiores em -17,9%, aos R\$ 9,9 bilhões do exercício anterior. Destacaram-se também os grupos Itamarati, que quase multiplicou por mil os lucros de 2001 (de R\$ 599 mil para R\$ 582,8 milhões) e Odebrecht, que engordou os ganhos em 481,4%.

Na lista dos maiores prejuízos a Renault lidera, com saldo negativo que pulou dos R\$ 400 milhões a R\$ 1,4 bilhão, um crescimento de 238,9%. A montadora entrou também na lista das mais endividadas, na 12ª colocação. No conjunto dos maiores prejuízos sobressaem-se as empresas de serviços públicos de energia e telecomunicações.

As empresas financeiras, como de hábito, brilham no ranking. Mesmo numericamente reduzidas

Distribuição regional

Estados que sediam os 300 maiores grupos
(Resultados em R\$ 1.000)

	Grupos	Patrimônio líquido	Part. (%)	Receita op. líquida	Part. (%)	Lucro líquido	Part. (%)
São Paulo	143	155.789.998	34,9	340.285.208	43,4	17.468.005	53,0
Rio de Janeiro	49	127.915.972	28,7	239.394.162	30,5	13.993.532	42,7
Distrito Federal	8	87.099.467	19,5	74.327.616	9,5	3.347.112	10,2
Minas Gerais	22	25.293.975	5,7	42.756.816	5,5	-551.654	-1,7
Santa Catarina	13	12.538.404	2,8	12.620.749	1,6	-1.105.947	-3,4
Bahia	9	9.482.744	2,1	25.650.222	3,3	590.425	1,8
Paraná	12	8.033.590	1,8	16.135.696	2,1	-1.786.651	-5,5
Rio Grande do Sul	23	6.242.045	1,4	15.543.623	2,0	687.500	2,1
Espírito Santo	4	6.204.213	1,4	7.703.873	1,0	256.868	0,8
Ceará	5	3.207.571	0,7	1.831.037	0,2	243.224	0,7
Pernambuco	2	1.208.176	0,3	2.925.764	0,4	-484.909	-1,5
Amazonas	2	846.003	0,2	1.153.695	0,1	6.545	0,0
Alagoas	3	845.224	0,2	1.111.104	0,1	70.838	0,2
Rio Grande do Norte	1	642.770	0,1	900.869	0,1	74.683	0,2
Goiás	2	283.787	0,1	1.279.890	0,2	34.113	0,1
Paraíba	1	174.823	0	74.823	0,0	915	0,0
Pará	1	78.912	0	175.189	0,0	386	0,0
Total	300	445.887.676	100	783.870.336	100	32.844.985	100

Fonte: Centro de Informações da Gazeta Mercantil/Balanco Anual 2003

O pelotão da frente

Dez maiores grupos - valores em R\$ 1.000

Classificação	2002	2001	Grupo	Patrimônio líquido	Receita oper. líquida	Lucro líquido
1	1	1	Eletrobrás	66.849.756	18.412.515	1.100.340
2	2	2	Petrobras	33.719.684	69.176.155	8.097.791
3	3	3	Telefonica	18.910.922	19.358.304	1.407.702
4	6	6	Vale do Rio Doce	12.941.000	14.678.000	2.043.000
5	4	4	BNDES	12.350.243	32.564.748	549.569
6	8	8	Votorantim	11.848.972	10.556.323	2.206.510
7	9	9	Itaúsa	11.837.648	35.835.931	2.900.237
8	5	5	Telemar	11.154.758	11.873.953	-415.598
9	7	7	Bradesco	11.116.793	47.145.593	2.022.588
10	10	10	Banco do Brasil	9.197.065	45.162.928	2.027.676

Fonte: Centro de Informações da Gazeta Mercantil/Balanco Anual 2003

— 35, contra 51 em 2001 — têm 20,22% do patrimônio líquido total, 35,5% das receitas e 50,23 dos lucros. No pelotão dos 20 grupos mais lucrativos, há sete bancos, com presença especial do Santander/Banespa, que festejou aumento

de 110,8% nos ganhos em relação a 2001. Das 35 listadas, apenas duas, Opportutiny e Banco do Estado de Santa Catarina.

Tomando-se as 20 companhias por desempenho global, Santander e Banespa ocupam lugar em recei-

tas, lucro e maior rentabilidade. Bradesco, Banco do Brasil, Itaúsa, Santander/Banespa e Real/ABN AMRO e Unibanco aparecem em maiores receitas e lucros. O BNDES figura em maiores receitas e o Citicorp em maiores lucros.